

NOTA TÉCNICA

A CARGA TRIBUTÁRIA BRASILEIRA E A ABERTURA ECONÔMICA PARA OS CUSTOS DE PRODUÇÃO.

1. Carga tributária:

Com o objetivo de conhecer a carga tributária do custo de produção das principais atividades agropecuárias, a Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (FARSUL 2013) encomendou do Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT) um estudo em que fosse calculado o tamanho desta carga, a partir da planilha de custo de produção com os preços e quantidades específicas de cada produto na composição do custo. Cada item que compõe o custo de produção da agropecuária brasileira carrega o seu percentual de tributos. Estes foram embutidos ao longo da cadeia produtiva e há certa dificuldade de detectá-los, seja pela impossibilidade, seja pelo grau de complexidade, burocracia e desconhecimento dos empresários quanto ao funcionamento do sistema. O produto final é muitas vezes desonerado, mas seus insumos e o processo produtivo não, gerando créditos que jamais são compensados e que terminando formando o preço final da mercadoria.

Tabela 1 - Carga Tributária contida no preço de máquinas e equipamentos agrícolas ao consumidor final no Brasil. Em (%).

MÁQUINAS AGRÍCOLAS	(%)
Arados, charruas e Grades de discos	26,75
Semeadores - adubadores	26,75
Distribuidores de Adubos (fertilizantes)	26,75
Outras máquinas e aparelhos agrícolas	26,75
Partes de Máquinas Agrícolas	29,42
Motorizados, cujo dispositivo de corte gira num plano horizontal	30,12
Colheitadeiras Combinadas Com debulhadoras	26,75
Máquinas para colheita de Raízes ou tubérculos	27,45
Máquinas e aparelhos para colheita (Selecionadores de frutas)	27,45
Máquinas de ordenhar e para Tratamento de Leite	26,75
Chocadeiras e criadeiras	26,75
Partes de máquinas ou aparelhos para avicultura	29,42
Motocultores	26,75
Tratores rodoviários para semirreboques	29,42
Tratores Agrícolas	29,42
Tratores de lagartas	26,75
Tratores especialmente concebidos para arrastar troncos (log skidders)	26,75

Fonte: IBPT

NOTA TÉCNICA

As máquinas e equipamentos agrícolas apresentam uma carga tributária que varia entre 26,75% e 30,12%, como no caso de Motorizados, cujo dispositivo de corte gira num plano horizontal. Sabe-se, com isso, que mais de um quarto do valor de uma máquina ou equipamento agrícola poderia ser cortado, caso não existisse tal tributação. Tributar bem de capital, de fato, torna o Brasil um caso à parte no contexto mundial.

Tabela 2 - Carga Tributária contida no preço de fertilizantes e agroquímicos ao consumidor final no Brasil. Em (%).

FERTILIZANTES	(%)
Adbos com teor de pentóxido de fósforo (P2O5) superior a 45%, em peso	20,11
Adbos com teor de nitrogênio (azoto) superior a 45%, em peso, no estado seco	20,11
Adbos nitrato de amônio, mesmo em solução aquosa	20,11
AGROQUÍMICOS	(%)
Inseticidas do NCM 38089111 ao 38089197, a Base de Sulfluramida e Outros Inseticidas	20,11
Fungicidas do NCM 38089211 ao 38089220 e Outros Fungicidas	20,11
Fungicidas do NCM 38089291 ao 38089296 e a Base de Propiconazol	20,11
Herbicidas do NCM 38089311 ao 38089326, a Base de Imazetapir e Outros Herbicidas	20,11
Herbicidas que contenham bromometano (brometo de metila) ou bromoclorometano	20,11
Outros Herbicidas, em aplicações domissanitárias	20,11
Herbicidas do NCM 38089341 ao 38089352 e Outros Herbicidas	20,11

Fonte: IBPT

A situação não é muito melhor quando se trata de fertilizantes e agroquímicos que, junto com máquinas e equipamentos agrícolas, originam a maior parte do custo de produção no Brasil. De maneira geral, a carga tributária incidente nos principais fertilizantes que são à base de Nitrogênio, Fósforo e Potássio, atinge 20,11% no Brasil, enquanto em muitos países não somente esses produtos são desonerados, como também os produtores recebem subsídios para adquiri-los. Os agroquímicos, sejam eles herbicidas, fungicidas ou inseticidas também carregam um percentual de 20,11% de tributos sobre o preço final do produto, o que explica, também, o diferencial nos preços aos empresários rurais brasileiros.

Muitos burocratas negam a existência desses tributos, mas esquecem da incidência, por exemplo, do AFRMM que representa sozinho cerca de 4% do valor dos fertilizantes ao produtor, do ICMS nas operações interestaduais, no PIS/Cofins e demais tributos previdenciários incidentes na folha de pagamento e no faturamento das indústrias e por aí em diante. Enxergam – ou querem enxergam – tão somente a incidência sobre o produto final ao produtor, como se a competitividade da agricultura brasileira no cenário mundial dependesse da etapa da incidência do tributo ao invés da incidência em si. Note que nos reservamos o direito de não tratar nesta Nota os impostos incidentes sobre combustíveis e energia elétrica, que compõe grande parte dos custos de produção e são incidentes em toda a cadeia produtiva, nos

NOTA TÉCNICA

concentrando apenas naqueles produtos cujos impostos não são aparentes e exigem uma pequena reflexão por parte do observador.

Ainda pouco se estuda a tributação incidente sobre o custo de produção, que é paga pelo produtor ou pelos segmentos fornecedores, de acordo, também, com a elasticidade preço-demanda, porém, independentemente de quem paga a maior parte, ela encarecerá os custos de produção e diminuirá a competitividade dos produtos nos mercados de que participa. Conforme pode ser visto na tabela a seguir, o Brasil tem uma alta carga tributária embutida nos custos de produção, verificou-se que a maior carga é no Arroz (30,26%), seguida do Milho (27,10%), Soja (27,05%) e Trigo (26,21%).

Tabela 3 - Carga Tributária, por fase da produção e no Custo Operacional Total, das principais lavouras, na média do Brasil em 2013.

Ciclo do Custo	Arroz	Milho	Soja	Trigo
Insumos	22,91%	23,13%	23,06%	22,84%
Serviços Agrícolas	32,28%	33,09%	32,79%	28,18%
Manutenção e Distribuição	38,70%	33,91%	27,36%	35,83%
Colheita	35,83%	35,83%	35,83%	32,36%
Total	30,26%	27,10%	27,05%	26,21%

Fonte: FARSUL/IBPT

Outro crescente item do custo de produção, devido a crescente complexidade das atividades agropecuárias, são os serviços. Manutenção, Frete, Plantio, Tratos e Colheita (quando é o caso) e Assistência Técnica onde entram os gastos com serviços terceirizados, a carga mostra-se bastante elevada.

Seguidamente planejadores governamentais se encantam com a quantidade de terceirizações e os ganhos de eficiência dali advindos ao visitarem países concorrentes do Brasil. Atribuem, muitas vezes, ao produtor um pretenso conservadorismo ao não adotar tais evoluções. É recomendável, antes, analisar quanto de impostos está embutido no serviço terceirizado nos Estados Unidos ou na Argentina, por exemplo, e quanto está no serviço brasileiro antes de tais conclusões. A tributação torna a terceirização tão cara que para apenas uma parcela dos produtores ela é mais barata do que comprar todos os equipamentos e subutilizá-los.

A carga tributária sobre os custos de produção explica, em boa medida, as razões pelas quais os empresários rurais adquirem produtos a preços mais caros de que seus concorrentes e também o porquê dos custos brasileiros serem os mais altos do mundo. Como será visto no tópico a seguir. No Brasil a produção agrícola mostra-se quando não a mais cara, uma das mais caras do mundo, como no caso da Soja e do Trigo, tendo o Arroz e o Milho o custo mais caro das Américas.

NOTA TÉCNICA

2. Abertura Econômica – Uma comparação entre o preço dos insumos e do Custo de Produção no Brasil e Mercosul:

O Brasil é um dos países mais fechados do mundo. No estudo realizado pela The Heritage Foundation (Index of Economic *Freedom*, 2016), o Brasil encontra-se na 140ª posição entre 183 países listados. O mais preocupante é que o Brasil vem piorando ao longo do tempo no que se diz respeito a liberdade econômica, facilidade de fazer negócios e abertura de mercado. O Brasil caiu 27 posições no ranking desde 2011, na contramão da maioria dos países desenvolvidos e em desenvolvimento.

A falta de liberdade econômica é uma das maiores responsáveis pela baixa competitividade brasileira no mercado internacional. Uma forma de mostrar o quanto a falta de uma maior abertura econômica impacta a produção agropecuária é comparando os preços de insumos no Brasil, em relação aos preços praticados na Argentina e Uruguai.

A Assessoria Econômica do Sistema Farsul fez ao longo de quase três meses um intenso esforço de comparação de preços dos principais insumos usados nas lavouras de grãos brasileiras e comparou com produtos equivalentes na Argentina e no Uruguai.

Tivemos uma grande contribuição de notáveis engenheiros agrônomos e agrícolas para nos ajudar vencer nossas limitações técnicas e poder determinar que um produto é exatamente igual ao outro, através da comparação dos princípios ativos quando foi o caso. Trabalho que somos muito gratos a estes grandes profissionais. Entretanto, demos preferência, sempre, para produtos cujos nomes são idênticos no Brasil e nos vizinhos e que preservam exatamente a mesma característica quando não a mesma embalagem.

O resultado foi uma diferença muito significativa dos preços praticados no mercado nacional contra os preços observados nos países vizinhos. Analisando a cesta como um todo, vemos que em média o produtor brasileiro está pagando 86% a mais nos insumos agrícolas que compõem essa cesta. Além disso há um desequilíbrio muito grande entre os grupos que compõem a cesta estudada, enquanto os Fertilizantes e Máquinas apresentam uma diferença menor de preço, os Agroquímicos (Fungicidas, Inseticidas e Herbicidas) no Brasil têm um preço em média 107% maior que na Argentina e Uruguai.

Ressaltamos, também, que os preços para o Brasil foram coletados no site da Conab conforme seu levantamento, ainda que algumas vezes notamos que estes estavam abaixo do que realmente estava sendo praticado no mercado, o que reforça os resultados.

NOTA TÉCNICA

Tabela 4 – Comparação dos preços de insumos no Brasil em relação Argentina e Uruguai em 2016 (em US\$) ¹

Produto	Brasil (US\$)	Argentina (US\$)	Uruguai (US\$)	Δ (%)
Fertilizantes				
SUPER FOSFATO TRIPLO (ton)	482,00	485,59	-	-1%
ÚREIA (ton)	392,56	367,92	-	7%
MAP (ton)	607,48	539,19	-	13%
UAN	353,91	318,45	-	11%
Sulfato de Amonia	330,46	374,98	-	-12%
Fungicidas				
CARBENDAZIM, 500 G/L	6,02	6,48	5,25	15%
DITHANE, NT	8,06	-	6,00	34%
FOLICUR, 200 CE	9,98	-	8,00	25%
MANZATE, 800	7,09	-	6,00	18%
Herbicidas				
2,4D	4,69	4,68	2,20	113%
GLIFOSATO	4,87	2,69	2,00	144%
GOAL, BR	19,59	-	15,00	31%
GRAMOXONE, 200	6,25	7,43	7,80	-20%
SELECT, 240 CE	29,97	25,05	-	20%
Inseticida				
ABAMECTIN NORTOXA	9,93	7,38	-	35%
DIMETOATO, 500 G/L	7,74	6,09	-	27%
CERTERO	49,69	-	20,00	148%
CIPERMETRINA	8,60	6,39	-	35%
GAUCHO, FS	61,06	36,71	16,00	282%
KARATE, ZEON 50 CS	26,30	74,84	5,00	426%
LORSBAN, 480 BR	8,02	5,01	8,70	60%
MATCH, CE	23,30	-	25,00	-7%
PROVADO	22,08	-	16,00	38%
Tratores e Colheitadeiras				
TRATOR 65CV, 4X2	26.432,00	-	22.000,00	20%
TRATOR 80-90CV, 4X4	35.186,25	-	32.000,00	10%
TRATOR 100-110CV, 4X4	45.773,26	42.350,00	-	8%
TRATOR 120CV, 4X4	45.953,00	-	53.600,00	-14%
COLHEITADEIRA DE 25' E 280CV	228.806,59	-	230.000,00	-1%
COLHEITADEIRA DE 35' E 345CV	360.684,05	366.208,95	-	-2%

Fonte: Conab / Crea (Argentina) / MGAP (Uruguai)

(1): Conversão baseado no câmbio médio 2016 de 3,49

A Tabela destaca o preço dos principais insumos utilizados no Brasil e os seus equivalentes na Argentina e Uruguai. No Brasil, os Fertilizantes são em média 4% mais caros, os Fungicidas 23%, Herbicidas 57%, Inseticidas 116% e Máquinas Agrícolas 4%. Os produtos analisados têm um peso muito significativo dentro do custo de produção, o que gera uma grande pressão na

NOTA TÉCNICA

receita do agricultor nacional, uma vez que, os preços nacionais e internacionais seguem em queda. Quando comparados os custos de produção de grãos do Brasil com os custos argentinos, essa falta de liberdade comercial que o Brasil sofre fica ainda mais evidente.

Tabela 5 – Custo de Produção de Arroz, Milho, Soja e Trigo no Brasil e na Argentina (em US\$/ha)¹

Grãos	Brasil (US\$/ha)	Argentina (US\$/ha)	Uruguai (US\$/ha)	BR vs AR Δ (%)	BR vs UY Δ (%)
Arroz	1.704,99	1.126,30	1.376,00	51%	24%
Milho	930,18	599,37	-	55%	-
Soja	846,92	335,37	520,00	153%	63%
Trigo	551,92	388,49	575,00	42%	-4%

Fonte: Cepea / Agri Benchmark / Fundación Proarroz / Anuario OPYPA 2016

(1): Conversão baseado no câmbio médio 2016 de 3,49

O custo de se produzir grãos no Brasil chega a ser em média 79% mais caro que o custo Argentino e 32% mais oneroso que o custo Uruguaio. Com um custo de produção tão elevado é impossível o produtor agrícola brasileiro concorrer no mercado nacional e internacional com a mesma Margem Bruta que os seus concorrentes. Além disso, o produtor rural brasileiro acaba tendo de concorrer, também no mercado interno, com uma margem menor, pois países como Argentina, Uruguai e Paraguai beneficiam-se das políticas de livre comércio do Mercosul para colocar os seus produtos no mercado interno brasileiro.

3. Qual o efeito deste “Custo Brasil” na atual conjuntura?

Em 2017 o setor agrícola está sentindo de maneira mais forte o “Custo Brasil”, pois os preços das principais *commodities* (Arroz, Milho Soja e Trigo) seguem em queda, comprometendo ainda mais a margem bruta do produtor rural, que já apresenta queda de 16% em 2017. Sem uma abertura econômica para os produtos que compõem a cesta de insumos agrícolas, será cada vez mais difícil para o produtor brasileiro competir no mercado global, caso os preços internacionais se mantenham no patamar atual.

Essa realidade representa uma grande desvantagem para a agricultura brasileira como um todo, à medida que estamos ficando cada vez menos competitivos, outros grandes produtores agrícolas mundiais, que não sofrem com cargas tributárias tão penosas, ainda tem o benefício de adquirir fertilizantes, máquinas, implementos, agroquímicos, etc. necessários onde for mais conveniente a compra. Esse cenário favorece países do Mercosul como Argentina, Paraguai e Uruguai, à medida que os seus produtos agrícolas entram no nosso mercado interno sem pagar imposto de importação, tornando o mercado ainda mais difícil para o produtor nacional.

NOTA TÉCNICA

A solução é termos uma tributação menos onerosa no setor produtivo e uma abertura comercial maior para a compra de insumos no mercado externo, adequando os nossos custos a realidade vista em outros países.

4. O que é necessário?

- **Aprovação da proposta de Reforma Tributária encaminhada pelo Deputado Federal Luiz Carlos Hauly.**

É fundamental para a competitividade da agropecuária brasileira a aprovação dessa proposta, uma vez que corrige os mecanismos e as chicanas que levam a tributação sobre os custos, mesmo que seja clara a intenção dos legisladores e planejadores tributário de não tributar esses insumos;

- **Abertura econômica para a compra de insumos no Exterior**

Soa estranho e ilógico a impossibilidade de comprar insumos no exterior, por proibição, enquanto é permitida a compra do produto final cuja produção envolveu a utilização destes mesmos insumos, sob o manto da segurança do consumidor.

Outros insumos, que não são proibidos, têm uma longa etapa burocrática e altos impostos de importação que tornam a operação inviável economicamente.

É estranha, também, a proteção que o Estado brasileiro oferece às indústrias fornecedoras, proteções estas que elas não recebem nem mesmo em seus países de origem. São proteções semelhantes à aquelas recebidas por empresas nascentes, mas estas já estão há décadas no Brasil, tempo o suficiente de buscar a competitividade que os produtores brasileiros buscaram.

Produtores americanos, argentinos, uruguaios, paraguaios podem comprar insumos onde bem entenderem e são vistos positivamente pelos seus Estados como produtores diferenciados, que buscam elevar a competitividade da produção local com a constante busca por insumos melhores e mais baratos. No Brasil, por outro lado, os produtores são penalizados para proteger uma indústria que necessita, também para o seu próprio bem, urgentemente ser exposta a competição.